

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



“O problema de achar uma saída não é da vítima, é do criminoso”

(Wanderley Guilherme, cientista político, sobre a proposta de Luiz Marinho, do PT, de conciliar com Temer para antecipar as eleições de 2018)

Recado dos quartéis

► **Ao prever um ano difícil, o general Villas Bôas faz transparecer o temor de agitação popular. E vem à baila o artigo 142 da Constituição**

Quem anda preocupado com o destino da democracia, após o golpe contra Dilma Rousseff, deve ficar atento. O ano de 2016 despediu-se com um recado. Passou despercebido, porém, por ter sido sufocado pelo bimbalar de sinos e pela explosão de fogos de artifício, cuja finalidade é a de dar boas-vindas ao ano seguinte. Neste caso, o pouco auspicioso 2017.

O aviso não veio da política nem da economia. Surgiu dos quartéis, na voz mansa e fria do general Eduardo Villas Bôas, comandante do Exército. Síntese do comunicado:

“Neste ano difícil (...) em meio a uma persistente crise política, econômica e, sobretudo, ética (...), vislumbro para o ano que se aproxima o agravamento das dificuldades que assolam o País”.

Villas Bôas gravou a mensagem dirigindo-se aos comandados dele. O diálogo, porém, foi além dos quartéis. Publicada no site oficial do Exército, os três minutos da fala do general foram imediatamente espalhados pelas redes sociais.

As previsões ruins para 2017, as crises econômica, política e ética, são aguçadas pela pauta de reformas de Temer, na qual se destacam as mudanças na legislação trabalhista e previdenciária.

Daí nasce a expectativa de manifestações de rua mais fortes após o fim do recesso parlamentar, em fevereiro. Há uma intensa articulação apoiada, agora, na ilegítima retirada de direitos adquiridos. A reação virá.

Esta é a preocupação dos militares.

A inquietação dos quartéis está embutida na mensagem de fim de ano do comandante do Exército e consolidada em sucessivas entrevistas. Numa delas, no passado mês de dezembro, o general falou dos “tresloucados” ou “malucos” que aparecem cobrando intervenção no processo democrático.

E o que Villas Bôas faz?

“Eu respondo com o artigo 142 da Constituição. Está tudo ali. Ponto.”

Pela cor da farda e pelo status profissional, Villas Bôas representa as instituições militares, Exército, Marinha e Aeronáutica. A Constituição assegura a igualdade entre as Forças Armadas. O uniforme verde, no entanto, é mais igual.

Os militares preocupam os civis.

No artigo 142 mora o perigo. É atribuída às Forças Armadas, “sob a autoridade suprema do presidente”, a garantia “da lei e da ordem” no País.

A repressão ao direito de manifestação pública poderá, em nome da lei e da ordem, ser reprimida pelo Exército por convocação de um dos três Poderes. No Executivo, o caminho está aberto por um governo autoritário, nascido de um golpe e em constante assédio à democracia.

Temer não terá dúvidas em convocar o Exército, se necessário.

Tem sido a Constituição a base de sustentação das intervenções militares no País, como ocorreu. Em 1988, o artigo 142 chegou a ser extirpado na construção da Constituinte. Houve, porém, forte reação dos quartéis.

O Exército, sob o comando do general Leônidas Pires Gonçalves, “garantiu” a permanência do discutido artigo na Constituição com o apoio de FHC. O então senador paulista integrava a Comissão de Segurança Nacional da Constituinte. Para a tranquilidade de Leônidas, coordenou com sucesso uma operação política chamada por ele mesmo de “golpe de mão”.

O artigo 142 ficou onde antes estava. E permanece lá.



O comandante do Exército enxerga um 2017 sombrio

TIAGO CORREIA/CMM E MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL



Disputa no tapetão

Rodrigo Maia (DEM) não larga o osso.

Trabalha intensamente para conseguir o direito de disputar a presidência da Câmara, após ter sido eleito para mandato tampão.

O caso vai ser decidido pelo STF.

Maia encomendou dois novos pareceres jurídicos, assinados pelos advogados Francisco Rezek, ministro aposentado do STF e ex-integrante da Corte Internacional de Haia, e Cláudio Souza Neto, ex-secretário-geral do Conselho Federal da OAB.

Quem paga essa farra?

Anteriormente, Maia já tinha contratado o escritório de Heleno Torres, constitucionalista convidado por Dilma para o Supremo.

Perdeu porque a notícia vazou.

Ocupou o lugar dele o atual ministro Luís Roberto Barroso.

Tropeços de Temer

Após meditar profundamente por três dias, Michel Temer finalmente cons-

truiu a frase célebre para definir a tragédia na prisão de Manaus (AM).

“É um acidente pavoroso”, sentenciou.

Não diga, presidente!

Pena que acidente seja acontecimento casual, imprevisto.

Em Manaus foi tudo planejado.

Um drama sem fim

Mais uma vez, salvo as poucas exceções, baixou sobre o tenebroso massacre de detentos no presídio em Manaus a costumeira tentativa de dessensibilizar o País com uma tragédia que “sensibilizou até mesmo o papa”, como observa a professora Vera Malaguti Batista, da Uerj e do Instituto Carioca de Criminologia.

A imprensa é a grande parceira de um perigoso desvio.

“Ao atribuir o massacre aos próprios seres humanos, jogados às condições mais degradantes, o noticiário encobre os argumentos que poderiam redundar em saídas para a gravíssima crise do sistema.”

Vera Malaguti aproxima-se com coragem da questão de fundo.

“Ao apostar na explicação pela via do ‘narcotráfico’ e da ‘organização criminosa’ a grande mídia impede que se discutam nossos índices de encarceramento, o fracasso da política de ‘guerra às drogas’ e a perversa privatização do sistema prisional.”

Boca a boca I

Na alta sociedade carioca faz-se o cálculo da fortuna de Sérgio Cabral, ex-governador do Rio de Janeiro, em diamantes.

Cerca de 800 milhões de reais é o cálculo feito pelo fechado comércio desses cristais.

Os negócios de Cabral com as joalherias brasileiras são fichinhas.

Cabral, hoje preso em Bangu, cumprirá a pena e vai viver no exterior.

Não tem mais ambiente social e político no Brasil.

Boca a boca II

Por isso, no meio político, há quem aposte em quem Cabral vai delatar.

O alvo principal é o governador Pezão, já citado na Lava Jato.

Além de poder negociar redução de pena com os procuradores, Cabral se juntaria a Pezão e ganharia foro especial.

Cabral conserva amigos influentes em Brasília e boas lembranças do Superior Tribunal de Justiça.

Ora-pro-nóbis

O exaltado pastor Silas Malafaia, da igreja Vitória em Cristo, confirmou ter recebido 100 mil reais de um amigo que faz parte de “esquema criminoso”. A quantia seria a “oferta” de orações feitas por ele. Malafaia crê na grana vinda do céu e não da Casa da Moeda.

mauriciodias@cartacapital.com.br